

E SE O SEU FUTURO FOSSE O PASSADO?

OUTLANDER

OS TAMBORES DO OUTONO

LIVRO QUATRO - PARTE I



DIANA GABALDON



Este livro acabou tendo muita relação com pais, por isso eu o dedico ao meu pai, Tony Gabaldon, que também conta histórias.

PRÓLOGO

Nunca tive medo de fantasmas. Afinal, vivo com eles todos os dias. Quando me vejo no espelho, os olhos de minha mãe estão fixos em mim; minha boca esboça o sorriso que atraiu meu bisavô.

Não, como poderia temer o toque daquelas mãos que se foram, pou-sadas em mim com amor desconhecido? Como poderia temer aqueles que moldaram minha carne, deixando seus traços vivos em mim muito depois de partirem?

Temo ainda menos aqueles fantasmas que invadem meus pensamentos. Qualquer biblioteca está cheia deles. Posso pegar um livro de uma estante empoeirada e ser assombrada pelos pensamentos de um falecido há muito tempo, ainda vivo como sempre nas longas páginas repletas de palavras.

Claro que não são esses fantasmas familiares e costumeiros que perturbam nosso sono e nos fazem acordar. Olhe para trás, segure uma tocha para iluminar os cantos escuros. Ouça os passos que ecoam por onde você veio, quando caminha sozinho.

Os fantasmas passam por nós e através de nós o tempo todo, escondendo-se no futuro. Ao olharmos no espelho, vemos as sombras de outros rostos olhando para trás no decorrer dos anos; vemos a silhueta da lembrança, sólida numa entrada vazia. Por sangue e por escolha, criamos nossos fantasmas; nós nos assombramos.

Cada fantasma vem de forma espontânea de locais cheios de névoas de sonho e silêncio.

Nosso lado racional diz: “Não, não é.”

Mas outra parte de nossa mente, mais antiga, sempre rebate, de forma suave, no escuro: “Sim, mas *poderia ser*.”

Nós entramos e saímos da esfera do mistério e, nesse meio-tempo, tentamos esquecer. Mas há uma brisa que entra em uma sala tranquila e sopra meus cabelos de vez em quando com carinho. Acho que ela é a minha mãe.

PARTE I

Admirável Mundo Novo



UM ENFORCAMENTO NO ÉDEN

Charleston, junho de 1767

O uvi os tambores muito antes de eles aparecerem. As batidas ecoaram na boca do meu estômago, como se eu também fosse oca. O som percorreu a multidão. O forte ritmo militar deveria ser ouvido acima de discursos ou tiros. Vi pessoas olharem para os lados enquanto se calavam, encarando a extensão da East Bay Street, que partia da estrutura mal erguida da nova Customs House em direção aos Jardins de White Point.

Era um dia quente, até mesmo para Charleston em junho. Os melhores lugares eram perto do mar, onde a brisa soprava, mas onde eu estava, era como se eu estivesse sendo assada viva. Meu vestido estava ensopado, e o corpete de algodão grudava em meus seios. Sequei o rosto pela décima vez em poucos minutos e ergui a trança pesada, esperando que o vento frio soprasse em meu pescoço.

No momento, eu estava morbidamente atenta a pescoços. Sem disfarçar, levei a mão ao meu, envolvendo-o com os dedos. Conseguia sentir o batimento em minhas artérias carótidas, junto com os tambores, e quando respirei, o ar quente e úmido tomou minha garganta como se me sufocasse.

Afastei minha mão e respirei o mais fundo que consegui – o que acabou sendo um erro. O homem à minha frente não devia tomar banho havia pelo menos um mês; ao redor do pescoço grosso, a gola de sua camisa estava escura de sujeira e suas roupas exalavam um odor azedo e rançoso, forte até mesmo em meio ao cheiro de suor da multidão. O cheiro de comida que vinha das barracas – pão quente e porco frito – se misturava ao forte odor almiscarado da grama apodrecida do pântano, e a brisa salgada que vinha do porto pouco fazia para suavizá-lo.

Havia várias crianças à minha frente, esticando o pescoço para espiar, correndo à sombra dos carvalhos e palmeiras a fim de olhar para a rua, e os pais ansiosos as chamavam de volta. A garota mais próxima a mim tinha um pescoço muito branco e comprido, que me fez pensar num talo de aipo.

Houve uma onda de comoção pela multidão; dava para ver a procissão de forcas no fim da rua. As batidas dos tambores ficaram mais altas.

— Onde ele está? — murmurou Fergus ao meu lado, dobrando o pescoço para ver. — Eu sabia que devia ter ido com ele!

— Ele virá — respondi.

Quis ficar na ponta dos pés, mas pensei que isso seria indigno. Porém olhei ao redor, procurando. Sempre conseguia localizar Jamie em meio à multidão; ele era mais alto do que a maioria dos homens e a luz refletia em seus cabelos com um brilho dourado-avermelhado. Ainda não havia sinal dele, apenas um mar de toucas e tricórnios que protegiam do calor os cidadãos que chegavam tarde demais para encontrar um lugar à sombra.

As bandeiras vieram primeiro, esvoaçando acima das cabeças da multidão animada, com as flâmulas da Grã-Bretanha e da Colônia Real da Carolina do Sul. E outra com os brasões da família do governador da colônia.

Logo depois vieram os tocadores de bumbo, caminhando de dois em dois no mesmo ritmo, com as baquetas se alternando entre batida e movimento. Era uma marcha lenta, tristemente inexorável. Parecia uma marcha fúnebre – muito adequada, naquelas circunstâncias. Todos os outros barulhos foram abafados pelo rufar dos tambores.

Então veio o pelotão de soldados de casacos vermelhos e, em meio a eles, os prisioneiros.

Eram três, com as mãos amarradas à frente do corpo, unidas por uma corrente que passava por anéis nos grillhões de ferro que envolviam seus pescoços. O primeiro homem era baixo e idoso, atordoado e cambaleante, uma ruína que se arrastava, de modo que o clérigo de roupas pretas que caminhava ao lado dos prisioneiros era obrigado a segurar o braço dele para que não caísse.

— Aquele é Gavin Hayes? Ele parece doente — murmurei a Fergus.

— Ele está bêbado. — A voz suave veio de trás de mim, e eu me virei e vi Jamie de pé, com os olhos fixos na triste procissão.

O desequilíbrio do homenzinho atrapalhava o progresso do cortejo, uma vez que seu caminhar trôpego forçava os dois homens acorrentados a ele a andar em zigue-zague para se manterem de pé. A impressão que davam era a de serem três bêbados voltando para casa depois de saírem de uma taverna local; totalmente discrepante da solenidade da ocasião. Consegui ouvir os risos acima do som dos

tambores e gritos da multidão nas varandas de ferro forjado das casas na East Bay Street.

— Você é responsável por isso? — perguntei baixinho, para não chamar atenção, mas eu poderia ter gritado e balançado os braços; ninguém prestava atenção em mais nada além da cena à nossa frente.

Eu mais senti do que vi o dar de ombros de Jamie ao se apressar para ficar ao meu lado.

— Foi o que ele me pediu — disse Jamie. — E é o melhor que eu poderia fazer por ele.

— Conhaque ou uísque? — perguntou Fergus, avaliando a aparência de Hayes com olhos experientes.

— O homem é escocês, Fergus. — A voz de Jamie estava tão calma quanto seu rosto, mas senti o leve estresse nela. — Ele quis uísque.

— Escolha sábia. Com sorte, pode ser que nem perceba quando for enforcado — murmurou Fergus.

O homem pequeno escapara da mão do pároco e tinha caído de cara na estrada de terra, puxando junto um de seus companheiros, que caiu de joelhos; o último prisioneiro, um jovem alto, permaneceu de pé, mas se balançou de um lado a outro, tentando manter o equilíbrio desesperadamente. A multidão na rua gritou de entusiasmo.

O capitão da guarda estava muito vermelho entre o branco de sua peruca e o metal da gorjeira, tanto pela fúria quanto pelo sol. Ele vociferou uma ordem enquanto os tambores continuavam rufando, e um soldado se aproximou depressa para tirar a corrente que mantinha os prisioneiros juntos. Hayes foi puxado sem qualquer cerimônia para ficar de pé, um soldado segurando cada braço, e a procissão foi retomada em melhor ordem.

Ninguém ria quando eles chegaram às forcas — uma carroça puxada por uma mula posicionada embaixo dos galhos de um enorme carvalho. Eu conseguia sentir o toque dos tambores pelas solas dos meus pés. Sentia-me um pouco mal com o sol e os cheiros. Os tambores pararam de repente e o silêncio ressoou em meus ouvidos.

— Não precisa ver isso, Sassenach — sussurrou Jamie para mim. — Volte para a carroça.

Ele olhava sem piscar para Hayes, que sacolejava e resmungava enquanto era mantido preso pelos soldados, e olhava ao redor, confuso.

A última coisa que eu queria era ver aquilo. Mas também não podia deixar Jamie presenciar tudo sozinho. Ele estava ali por Gavin Hayes; e eu, por ele. Segurei sua mão.

— Vou ficar.

Jamie se endireitou,ajeitando os ombros. Deu um passo à frente, tomando o cuidado de permanecer à vista na multidão. Se Hayes ainda estivesse sóbrio o bastante para ver alguma coisa, a última coisa que veria na Terra seria o rosto de um amigo.

Ele ainda estava; Hayes olhava de um lado a outro enquanto o colocavam na carroça, virando o pescoço, procurando desesperadamente.

— *Gabhainn! A charaid!* — gritou Jamie de repente.

Os olhos de Hayes se voltaram para ele no mesmo instante e o prisioneiro parou de lutar.

O homem baixo ficou balançando devagar de um lado a outro enquanto a acusação era lida: roubo da quantia de seis libras e dez xelins. Estava coberto por uma poeira avermelhada, e gotas de suor se prendiam trêmulas à sua barba grisalha. O pároco estava se inclinando, murmurando depressa no ouvido dele.

Então os tambores começaram de novo, em um rufar constante. O algoz passou o laço por cima da cabeça careca e o prendeu com força, posicionando o nó de modo preciso, logo abaixo da orelha. O capitão da guarda permaneceu ao lado, com o sabre em riste.

De repente, o condenado se endireitou. Olhando para Jamie, ele abriu a boca como se pretendesse falar.

O sabre reluziu ao sol da manhã e os tambores pararam.

Eu olhei para Jamie; ele estava com os lábios pálidos e os olhos arregalados. Pelo canto do olho, vi a corda se esticando e o baque débil e involuntário do saco de roupas pendurado. Um fedor forte de urina e fezes pairava no ar pesado.

Do meu outro lado, Fergus observava, sereno.

— Acho que ele percebeu — murmurou ele com pesar.

O corpo balançou um pouco, um peso morto oscilando como um fio de prumo. A multidão suspirou, surpresa e aliviada. Andorinhas-do-mar gralharam no céu avermelhado, e os sons do porto surgiram fracos e se espalharam pela atmosfera pesada, mas o silêncio prevaleceu. De onde eu estava, conseguia ouvir o leve respingar das gotas que caíam da ponta do sapato do cadáver.

Eu não conhecia Gavin Hayes e não senti tristeza por sua morte, mas fiquei feliz por ter sido rápida. Olhei brevemente para ele, com uma sen-

sação esquisita de intrusão. Era uma maneira muito pública de realizar um ato muito particular, e eu me senti um pouco envergonhada por estar olhando.

O algoz sabia o que estava fazendo; não houve luta indigna, olhos arregalados nem língua para fora; a cabeça pequena de Gavin se inclinou de uma vez para o lado, com o pescoço esticado de modo grotesco e totalmente quebrado.

Foi uma lesão limpa em mais de um sentido. O capitão da guarda, satisfeito por Hayes estar morto, fez um gesto com o sabre para que o próximo homem fosse levado ao patíbulo. Vi seus olhos percorrerem a fila de capas vermelhas e se arregalarem, surpresos.

No mesmo instante, ouviu-se um grito da multidão, e uma onda de animação que logo se espalhou. As pessoas viraram as cabeças e se empurraram umas contra as outras, esforçando-se para ver onde não havia nada a ser visto.

— Ele se foi! Lá vai ele! Parem-no! — diziam elas.

O terceiro prisioneiro, o jovem alto, aproveitara o momento da morte de Gavin para fugir e se salvar, passando pelo guarda que deveria tê-lo vigiado, mas que não fora capaz de resistir ao fascínio da força.

Vi um leve movimento atrás de uma barraca de produtos, cabelos louro-escuros de relance. Alguns dos soldados também viram e correram para lá, mas muitos outros estavam correndo em outras direções, e entre as colisões e a confusão, nada era alcançado.

O capitão da guarda estava gritando, o rosto vermelho, sua voz quase inaudível acima da comoção. O prisioneiro restante, assustado, foi pego e arrastado de volta na direção da Corte da Guarda enquanto os casacos vermelhos começavam a se reorganizar sob as ordens do capitão.

Jamie passou um braço pela minha cintura e me tirou do caminho de uma onda de pessoas. A multidão voltou à frente do avanço de pelotões de soldados, que se formaram e marcharam depressa para vigiar a área, sob o comando sério e furioso de seu sargento.

— É melhor encontrarmos Ian — disse Jamie, afastando um grupo de aprendizes animados. Ele olhou para Fergus e meneou a cabeça em direção à força e sua carga melancólica. — Cuide do corpo, está bem? Nós nos encontramos no Willow Tree mais tarde.

— Você acha que eles o pegarão? — perguntei enquanto passávamos pela multidão, caminhando por uma rua de pedras rumo ao cais onde ficavam os vendedores.

— Acho que sim. Aonde ele poderia ir? — Jamie falava de modo distraído, uma com uma leve ruga na testa. Era claro que ainda pensava no morto e que, naquele momento, tinha pouca atenção a dar aos vivos.

— Hayes tinha família? — perguntei.

Ele balançou a cabeça, negando.

— Perguntei isso a ele quando lhe dei o uísque. Hayes acreditava que podia ter um irmão vivo, mas não sabia onde. O irmão foi deportado logo depois da Revolta. Ele achava que o irmão estava na Virgínia, mas não soubera de nada desde então.

Não era de surpreender que não soubesse; um trabalhador contratado não teria meios de se comunicar com parentes deixados na Escócia, a menos que o empregador do homem fizesse a gentileza de enviar uma carta em seu nome. E com ou sem gentileza, era improvável que uma carta chegasse a Gavin Hayes, que passara dez anos na prisão de Ardsmuir antes de ser deportado.

— Duncan! — gritou Jamie, e um homem magro e alto virou-se e ergueu a mão para cumprimentá-lo. Passou pela multidão em zigue-zague, com seu único braço formando um arco que afastava quem passava.

— *Mac Dubh* — disse ele, fazendo um meneio de cabeça para Jamie.
— Sra. Claire.

O rosto comprido e estreito estava marcado pela tristeza. Duncan já tinha sido prisioneiro em Ardsmuir com Hayes e Jamie. Mas a perda do braço devido a uma infecção impedira sua partida com os outros. Inadequado para ser vendido para trabalhar, ele fora perdoado e solto, para morrer de fome, até Jamie encontrá-lo.

— Que Deus dê descanso ao pobre Gavin — disse Duncan, balançando a cabeça, triste.

Jamie murmurou algo em gaélico em resposta e se benzeu. Então endireitou-se, afastando a opressão do dia com esforço visível.

— Bem, tenho que ir às docas cuidar da travessia de Ian, e então pensaremos no enterro de Gavin. Mas preciso definir as coisas para o rapaz primeiro.

Passamos com dificuldade pela multidão em direção às docas, espremendo-nos entre os fofoqueiros animados, esquivando-nos das charretes e carrinhos de mão que seguiam com a indiferença típica do comércio.

Uma fila de soldados de casacos vermelhos apareceu em marcha rápida do outro lado do cais, separando a multidão como vinagre na maio-

nese. O sol brilhava forte na fila de pontas de baioneta e o ritmo das batidas reverberava pela multidão como um tambor abafado. Até mesmo os trenós estrondantes e as carriolas paravam abruptamente para permitir que eles passassem.

— Vigie seu bolso, Sassenach — murmurou Jamie em meu ouvido, levando-me por um espaço estreito entre um escravo de turbante que segurava duas crianças pequenas e um pregador de rua empoleirado em cima de uma caixa. Ele gritava algo sobre pecado e arrependimento, mas, em meio ao barulho, eu conseguia compreender apenas uma palavra a cada três.

— Eu o costurei — disse a ele, mas mesmo assim levei os dedos ao pequeno peso pendurado contra a minha coxa. — E o seu?

Ele sorriu e inclinou o chapéu para a frente, estreitando os olhos azul-escuros sob a forte luz do sol.

— É onde minha bolsa de couro estaria se tivesse uma. Desde que eu não encontre uma meretriz de mão rápida, estarei seguro.

Olhei para a parte da frente levemente protuberante de sua calça, que ia até a altura dos joelhos, e então para ele. De ombros largos e alto, com traços firmes e marcados e uma postura orgulhosa de homem das Terras Altas, Jamie chamava a atenção de todas as mulheres pelas quais passava, mesmo com os cabelos cobertos por um tricórnio azul-claro. A calça, que era emprestada, estava bastante justa e não diminuía em nada o efeito geral, que era intensificado pelo fato de Jamie ser totalmente alheio a ele.

— Você é um incentivo ambulante para meretrizes — eu disse. — Fique perto de mim, vou proteger você.

Ele riu e pegou meu braço enquanto chegávamos a um pequeno espaço aberto.

— Ian! — gritou ele ao ver o sobrinho por cima das cabeças das pessoas.

Um momento depois, um garoto alto e magro apareceu em meio à multidão, afastando dos olhos uma mecha de cabelos castanhos e abrindo um sorriso largo.

— Pensei que nunca fosse encontrar você, tio! — exclamou ele. — Por Cristo, tem mais gente aqui do que no Lawnmarket em Edimburgo! — Ian passou a manga do casaco no rosto comprido e meio rústico, deixando um rastro de sujeira em uma das bochechas.

Jamie olhou para o sobrinho de esguelha.

— Você está parecendo indecentemente contente para quem acabou de ver um homem morrer, Ian.

Ian logo alterou a expressão em uma tentativa de parecer decentemente sério.

— Ah, não, tio Jamie — disse ele. — Não vi o enforcamento. — Duncan ergueu a sobrançelha e Ian corou. — Eu... eu não estava com medo de ver; é só que... eu queria fazer outra coisa.

Jamie sorriu e deu um tapinha nas costas do sobrinho.

— Não se preocupe, Ian. Eu preferia não ter visto, mas Gavin era um amigo.

— Eu sei, tio. Sinto muito por isso. — Um sinal de solidariedade passou pelos olhos grandes e castanhos do garoto, o único traço de seu rosto com certa beleza. Ele olhou para mim. — Foi horrível, tia?

— Sim — respondi —, mas acabou. — Tirei o lenço úmido de meu colo e fiquei na ponta dos pés para limpar a sujeira de seu rosto.

Duncan Innes balançou a cabeça com pesar.

— Ah, pobre Gavin. Ainda assim, é uma morte mais rápida do que morrer de fome e restava pouco para ele além disso.

— Vamos — interrompeu Jamie, sem querer perder tempo com lamentações inúteis. — O *Bonnie Mary* deve estar perto da ponta do desembarcadouro.

Vi Ian olhar para Jamie e se posicionar como se quisesse falar alguma coisa, mas Jamie já havia se virado em direção ao porto e passava entre a multidão. Ian olhou para mim de relance, deu de ombros e me ofereceu o braço.

Seguimos Jamie atrás dos galpões que pontuavam as docas, desviando de marinheiros, carregadores, escravos, passageiros, clientes e mercadores de todos os tipos. Charleston era um importante porto de remessa, e os negócios estavam a toda, com cerca de cem navios chegando e partindo para a Europa todos os meses na temporada.

O *Bonnie Mary* pertencia a um amigo do primo de Jamie, Jared Fraser, que partira para a França para fazer sua fortuna no ramo de vinhos e fora muito bem-sucedido. Com sorte, o capitão do *Bonnie Mary* poderia ser convencido, em nome de Jared, a levar Ian de volta a Edimburgo, permitindo que o rapaz trabalhasse como ajudante para pagar a passagem.

Ian não se animara com a ideia, mas Jamie estava determinado a mandar seu sobrinho errante de volta à Escócia na primeira oportunidade que tivesse. As notícias a respeito da presença do *Bonnie Mary* em Charleston, além de outros assuntos, é que nos tiraram da Geórgia, o pri-

meiro local dos Estados Unidos a que tínhamos ido — por acidente —, dois meses antes.

Quando passamos por uma taverna, uma atendente mal-arrumada saiu com uma bacia de lavagem. Ela viu Jamie e ficou de pé, com a bacia apoiada no quadril, erguendo a sobrancelha e sorrindo. Ele passou sem olhar, concentrado em seu objetivo. Ela jogou a cabeça para trás, despejou a lavagem para o porco que dormia perto de um degrau e entrou de novo.

Jamie parou, protegendo os olhos para enxergar a fileira de mastros de navios, e eu parei ao seu lado. Levou a mão à frente da calça sem perceber, ajustando o volume, e eu segurei seu braço.

— As joias da família continuam seguras, certo? — murmurei.

— Desconfortáveis, mas seguras — disse ele. Jamie puxou o cordão da braguilha, fazendo uma careta. — Acho que teria sido mais fácil escondê-las em meu traseiro.

— Antes você do que eu, amigo — falei, sorrindo. — Eu preferiria correr o risco de ser roubada.

Nós tínhamos sido levados para a costa da Geórgia por um furacão e chegamos ensopados, acabados e miseráveis, só com algumas pedras preciosas – grandes e valiosas.

Eu esperava que o capitão do *Bonnie Mary* tivesse consideração suficiente em relação a Jared Fraser para aceitar Ian como ajudante, porque, caso contrário, teríamos dificuldades com a travessia.

Em teoria, dentro do saco de Jamie e do meu bolso, havia uma fortuna razoável. Na prática, pensávamos nelas como pedras da praia, pois para nós eram indiferentes. Apesar de as pedras preciosas serem um modo fácil e compacto de transportar riquezas, o problema era trocá-las por dinheiro.

A maioria do comércio nas colônias do Sul era realizada por meio de permuta. Quando não, era feito com trocas de notas promissórias emitidas em nome de um mercador rico ou de um banqueiro. Havia poucos banqueiros ricos na região da Geórgia; os dispostos a prender seu capital disponível em pedras preciosas eram menos ainda. O próspero fazendeiro de arroz com quem havíamos nos hospedado em Savannah garantira que ele próprio mal conseguia pôr as mãos em duas libras esterlinas em dinheiro. De fato, provavelmente não havia dez libras em ouro ou prata em toda a colônia.

Também não havia nenhuma chance de vender uma das pedras nas

extensões infundáveis de lodaçais e florestas de pinheiros pelas quais tínhamos passado em nossa ida ao norte. Charleston foi a primeira cidade que havíamos alcançado de tamanho suficiente para receber mercadores e banqueiros que poderiam ajudar a transformar em dinheiro pelo menos uma parte de nossos bens, congelados na forma de pedras preciosas.

Não que alguma coisa pudesse permanecer congelada por muito tempo em Charleston no verão, refleti. Gotas de suor escorriam por meu pescoço e a combinação de linho por baixo de meu corpete estava ensopada e amassada contra a minha pele. Mesmo tão perto do porto, não ventava naquela hora do dia, e o cheiro de alcatrão quente, peixe morto e trabalhadores suados era quase insuportável.

Apesar dos protestos deles, Jamie insistira em dar uma de nossas pedras preciosas como um sinal de agradecimento ao sr. e à sra. Olivier, as pessoas gentis que haviam nos abrigado quando praticamente saímos do naufrágio direto para a porta da casa deles. Em troca, eles nos deram uma carroça, dois cavalos, roupas limpas para a viagem, alimentos para a jornada e uma pequena quantia em dinheiro.

Desse dinheiro, seis xelins e três pence permaneciam em meu bolso, constituindo a totalidade de nossa fortuna disponível.

— Por aqui, tio Jamie — disse Ian, virando-se e fazendo um gesto ao tio. — Tenho algo para lhe mostrar.

— O que é? — perguntou Jamie, abrindo caminho por vários escravos suados que estavam colocando blocos empoeirados de anileira seca em um navio de carga ancorado. — Algo seu? E como conseguiu? Não tem dinheiro nenhum, tem?

— Não, eu o ganhei jogando — respondeu Ian, já oculto atrás de uma carga de milho.

— Jogando! Ian, pelo amor de Deus, você não pode estar apostando quando não tem dinheiro nenhum para se manter! — Segurando o meu braço, Jamie passou pela multidão para acompanhar seu sobrinho.

— O senhor faz isso o tempo todo, tio Jamie — disse o menino, parando para nos esperar. — Tem feito isso em todas as tavernas e hospedarias em que ficamos.

— Meu Deus, Ian, são cartas, não dados! E eu sei o que estou fazendo!

— Eu também sei — disse Ian, tímido. — Afinal, eu ganhei, não foi? Jamie revirou os olhos para o céu, implorando por paciência.

— Nossa, Ian, estou feliz por você estar indo para casa antes de per-

der a cabeça. Prometa que não vai mais apostar com os marinheiros. Não tem como escapar deles em um navio.

Ian não estava prestando atenção; caminhou até um poste meio destruído, ao redor do qual havia uma corda grossa. Ian parou e olhou para nós, apontando para um animal a seus pés.

— Estão vendo? É um cão — disse Ian com orgulho.

Dei um passo rápido para trás de Jamie, segurando seu braço.

— Ian, isso não é um cão — eu disse. — É um lobo. É um maldito lobo *grande*, e eu acho que você deveria se afastar antes que ele morda seu traseiro.

O lobo mexeu uma orelha de modo des preocupado na minha direção, me ignorou e voltou a orelha à posição inicial. Continuou sentado, ofegante de calor, os grandes olhos amarelos fixos em Ian com uma intensidade que poderia ser entendida como devoção por alguém que não tivesse visto um lobo antes. Eu já tinha visto.

— Essas coisas são perigosas — falei. — Eles mordem assim que nos veem.

Ignorando o comentário, Jamie inclinou-se para inspecionar a fera.

— Não é bem um lobo, é?

Parecendo interessado, ele estendeu a mão para o suposto cachorro, convidando-o para cheirar seus dedos. Fechei os olhos, esperando a iminente amputação da mão. Não ouvi gritos, então abri os olhos de novo e o vi agachado no chão, espiando dentro das narinas do animal.

— É uma bela criatura, Ian — comentou Jamie, acariciando o animal embaixo do queixo, à vontade. Os olhos amarelos se estreitaram um pouco, ou por prazer com a atenção recebida ou, o que pensei ser mais provável, esperando para arrancar o nariz de Jamie. — Mas é maior que um lobo. É mais largo na cabeça e no peito e tem as patas bem mais compridas.

— A mãe dele era uma cadela de caça irlandesa. — Ian estava abaixado ao lado de Jamie, explicando, alegre, enquanto acariciava as enormes costas marrom-acinzentadas. — Ela partiu para a floresta no cio e quando voltou para dar cria...

— Ah, sim, eu entendi — interrompeu Jamie.

Agora, ele cantarolava em gaélico para o monstro enquanto pegava sua pata enorme e mexia em seus dedos peludos. As garras pretas e curvas tinham cerca de cinco centímetros de comprimento. O animal semicerrou os olhos, e a brisa suave soprava os pelos grossos de seu pescoço.

Olhei para Duncan, que arqueou as sobrancelhas para mim, deu de ombros e suspirou. Duncan não gostava de cães.

— Jamie... — falei.

— *Balach Boidheach* — disse Jamie ao lobo. — Então, você não é um garoto bonito?

— O que ele comeria? — perguntei, um pouco mais alto do que o necessário.

Jamie parou de acariciar a fera.

— Ah! — exclamou ele. Observou o animal de olhos amarelos com certo arrependimento. — Bem... — Ficou de pé, balançando a cabeça com relutância. — Acho que sua tia tem razão, Ian. Como vamos alimentá-lo?

— Ah, isso não é problema, tio Jamie — Ian lhe garantiu. — Ele sabe caçar sozinho.

— Aqui? — Olhei ao redor para os galpões e para a fileira de lojas com fachada de gesso que se estendia adiante. — O que ele caça? Crianças pequenas?

Ian pareceu um pouco magoado.

— Claro que não, tia. Peixes.

Ao ver três rostos desconfiados ao seu redor, Ian se ajoelhou e segurou o focinho da fera com as duas mãos, abrindo sua boca.

— Ele caça, sim! Eu juro, tio Jamie! Venha, sinta o hálito dele!

Jamie lançou um olhar duvidoso para a fileira dupla de presas incrivelmente reluzentes à mostra e esfregou o queixo.

— Eu... hã, acredito no que você diz, Ian. Mas, mesmo assim, pelo amor de Deus, cuidado com os dedos, rapaz!

Ian diminuiu a força, e as mandíbulas enormes se fecharam, espalhando gotas de saliva pelo cais de pedra.

— Estou bem, tio — disse Ian com animação, passando as mãos no calção. — Ele não me morderia, tenho certeza. O nome dele é Rollo.

Jamie passou os nós dos dedos pelo lábio superior.

— Hummmm. Bom, qualquer que seja o nome dele, e seja lá o que ele coma, não acho que o capitão do *Bonnie Mary* vá aceitar de bom grado sua presença nos aposentos da tripulação.

Ian não disse nada, mas sua cara de felicidade não diminuiu. Na verdade, aumentou. Jamie olhou para ele, viu seu rosto iluminado e se retesou.

— Não — disse ele horrorizado. — Ah, não.

— Sim — disse Ian. Um sorriso amplo de felicidade se abriu no rosto ossudo. — Ele partiu há três dias, tio. Estamos atrasados demais.

Jamie disse algo em gaélico que eu não entendi. Duncan parecia escandalizado.

— Droga! — disse Jamie. — Maldição!

Jamie tirou o chapéu e passou a mão pelo rosto com força. Parecia estar com calor, despenteado e totalmente descomposto. Abriu a boca, pensou melhor no que pretendia dizer, fechou-a e correu os dedos pelos cabelos, tirando o laço que os mantinha presos para trás.

Ian parecia desconcertado.

— Sinto muito, tio. Tentarei não ser um incômodo para o senhor, eu juro. E eu posso trabalhar. Ganharei o bastante para pagar minha comida.

O rosto de Jamie suavizou-se quando ele olhou para o sobrinho. Suspirou profundamente e deu um tapinha no ombro de Ian.

— Não é que eu não o queira, Ian. Você sabe que o que eu mais gostaria seria mantê-lo comigo. Mas o que diabos sua mãe dirá?

O brilho voltou ao rosto de Ian.

— Não sei, tio — disse ele —, mas seja lá o que for, ela dirá na Escócia, não? E estamos aqui.

Ian passou o braço ao redor de Rollo e o abraçou. O lobo pareceu levemente surpreso com o gesto, mas depois de um instante, colocou a língua cor-de-rosa e comprida para fora e graciosamente lambeu a orelha de Ian. Sentindo o sabor dele, pensei com cinismo.

— Além disso — acrescentou o garoto —, ela sabe muito bem que estou em segurança. Você escreveu da Geórgia para dizer que eu estava com você.

Jamie deu um sorriso irônico.

— Não posso dizer que saber disso seja muito reconfortante para ela, Ian. Ela me conhece há muito tempo.

Ele suspirou e voltou a colocar o chapéu na cabeça, virando-se para mim.

— Preciso muito de uma bebida, Sassenach — afirmou Jamie. — Vamos procurar aquela taverna.

A Willow Tree estava escura e talvez estivesse fresca se houvesse menos gente ali dentro. Mas os bancos e as mesas estavam lotados com espectadores do enforcamento e marinheiros das docas, e a atmosfera era a de

uma sauna. Inspirei ao subir para o bar e então soltei a respiração depressa. Foi como cheirar roupas sujas molhadas de cerveja.

Rollo logo provou seu valor, separando a multidão como o Mar Vermelho ao passar, com a boca arreganhada, mostrando os dentes num rosado constante e inaudível. Evidentemente, ele estava familiarizado com tavernas. Depois de esvaziar um espaço no canto, ele se enrolou embaixo da mesa e pareceu adormecer.

Fora do sol, com uma grande caneca de cerveja escura espumando delicadamente à sua frente, Jamie logo recuperou seu jeito controlado.

— Temos duas opções — disse ele, afastando os cabelos molhados de suor das têmporas. — Podemos ficar em Charleston tempo suficiente para tentar encontrar um comprador para uma das pedras e talvez conseguir uma passagem para Ian voltar para a Escócia em outro navio ou podemos ir ao norte para Cabo Fear e tentar encontrar um navio para ele em Wilmington ou New Bern.

— Eu prefiro o norte — anunciou Duncan, sem hesitação. — Você já esteve em Cabo Fear, certo? Não gosto da ideia de permanecer muito tempo entre desconhecidos. E seu parente cuidaria para que não fôssemos enganados nem roubados. Aqui... — Ele ergueu um ombro numa indicação eloquente dos não escoceses, aquele bando de desonestos, que nos cercavam.

— Ah, vamos para o norte, tio! — disse Ian rapidamente, antes que Jamie pudesse responder. Ele secou um pequeno bigode de espuma de cerveja com a manga. — A viagem pode ser perigosa; você precisará de um homem a mais para proteção, não é?

Jamie escondeu sua expressão com o copo, mas eu estava sentada perto o bastante para sentir um tremor tomar conta dele. Ele realmente gostava muito do sobrinho. A verdade é que Ian era o tipo de pessoa que atraía as coisas. Em geral, não era culpa dele, mas ainda assim, ele as atraía.

O garoto fora sequestrado por piratas no ano anterior, e a necessidade de resgatá-lo nos levava, por meios tortuosos e, de maneira geral, perigosos, à América. Nada acontecera recentemente, mas eu sabia que Jamie estava ansioso para levar o sobrinho de quinze anos de volta à Escócia e à sua mãe antes que algo acontecesse.

— Ah... certamente, Ian — concordou Jamie, abaixando o copo. Ele evitou meu olhar, mas eu vi o canto de seu lábio tremer. — Você ajudaria muito, tenho certeza, mas...

— Podemos encontrar índios vermelhos! — disse Ian com os olhos arregalados. Seu rosto, já bronzeado, brilhou de prazer e expectativa. — Ou feras selvagens! O Dr. Stern me disse que a mata da Carolina é cheia de criaturas selvagens: ursos, felinos e panteras, e uma coisa fedorenta que os índios chamam de gambá!

Engasguei com a cerveja.

— Tudo bem, tia? — Ian inclinou-se ansiosamente sobre a mesa.

— Sim — falei, limpando meu rosto com o lenço. Sequei as gotas de cerveja espirrada do meu colo, afastando o tecido de meu corpete discretamente do corpo na esperança de deixar ventilar um pouco.

Então vi o rosto de Jamie de relance, e a expressão de descontração reprimida dera lugar a um pequeno franzir de cenho de preocupação.

— Os gambás não são perigosos — afirmei, apoiando uma mão em seu joelho.

Como caçador habilidoso e destemido das Terras Altas, Jamie costumava considerar a fauna desconhecida do Novo Mundo com cautela.

— Hummmm. — O franzir diminuiu, mas uma linha estreita permaneceu entre as sobrancelhas. — Talvez sim, mas e as outras coisas? Não posso dizer que quero encontrar um urso ou um bando de selvagens só com isto à mão. — Ele tocou a grande faca embainhada pendurada em seu cinto.

Por não termos armas, Jamie se preocupou bastante na viagem da Geórgia, e os comentários de Ian a respeito de índios e animais selvagens tinham trazido a preocupação à tona mais uma vez. Além da faca de Jamie, Fergus tinha uma lâmina menor, adequada para cortar cordas e aparar galhos que usávamos em fogueiras. Eram suas únicas armas, e os Olivier não tinham armas nem espadas extras.

No caminho da Geórgia para Charleston, tivemos a companhia de um grupo de agricultores de arroz e anileira cheios de facas, pistolas e mosquetes, levando seus produtos ao porto para serem enviados ao norte para a Pensilvânia e Nova York. Se partíssemos para Cabo Fear agora, estaríamos sozinhos, desarmados e desprotegidos contra qualquer coisa que pudesse surgir das densas florestas.

Ao mesmo tempo, havia motivos urgentes para seguirmos para o norte, e nossa falta de capital disponível era um deles. Cabo Fear era o maior assentamento de escoceses das Terras Altas nas colônias americanas, ostentando várias cidades cujos habitantes tinham emigrado da Escócia nos últimos vinte anos, depois da Batalha de Culloden. E, entre

esses emigrantes, estavam os parentes de Jamie, que eu sabia que nos ofereceriam refúgio de boa vontade; um teto, uma cama e tempo para nos estabelecermos nesse novo mundo.

Jamie tomou mais um gole e assentiu com a cabeça.

— Devo dizer que penso como você, Duncan. — Ele se recostou na parede da taverna, olhando casualmente ao redor do salão lotado. — Não sente que estamos sendo observados?

Um arrepio desceu pelas minhas costas, apesar de o rastro de suor fazer a mesma coisa. Duncan arregalou os olhos, e então os estreitou, mas não se virou.

— Ah! — exclamou ele.

— Por *quem*? — perguntei, olhando meio nervosa ao redor.

Não vi ninguém nos observando, mas qualquer um podia estar espreitando sorratamente; a taverna estava cheia de pessoas encharcadas em álcool, e o burburinho era alto o suficiente para abafar as conversas, exceto as mais próximas.

— Por qualquer um, Sassenach — respondeu Jamie. Ele olhou para mim de canto de olho e sorriu. — Mas não fique tão assustada com isso. Não estamos em perigo. Não aqui.

— Ainda não — disse Duncan. Ele se inclinou para a frente para servir mais uma caneca de cerveja. — *Mac Dubh* gritou para Gavin na forca, entende? Há quem possa ter percebido. *Mac Dubh*, sendo o homem discreto que é — acrescentou ele de modo seco.

— E os agricultores que vieram conosco da Geórgia já venderam suas lojas a essa altura e estarão à vontade em locais como este — disse Jamie, evidentemente absorto em examinar os desenhos de sua caneca. — Todos eles são homens honestos, mas falam, Sassenach. É uma boa história, não? Aqueles que naufragaram num furacão. E quais são as chances de pelo menos um deles saber um pouco sobre o que trazemos?

— Compreendo — murmurei.

Nós tínhamos atraído o interesse das pessoas devido à nossa associação com um criminoso e não podíamos mais tentar passar por viajantes discretos. Se demorássemos para encontrar um comprador, como era provável, corríamos o risco de ser roubados por pessoas inescrupulosas ou passar pelo escrutínio de autoridades inglesas. Nenhuma das opções era interessante.

Jamie ergueu a caneca, tomou um longo gole e então a pousou com um suspiro.

— Não, acho que talvez não seja inteligente permanecermos na cidade. Veremos Gavin ser enterrado decentemente e então encontraremos um local seguro na mata fora da cidade para dormir. Podemos decidir amanhã se ficamos ou se vamos.

A ideia de passar várias outras noites na mata, com ou sem gambás, não era muito boa. Eu não tirava meu vestido havia oito dias, e lavava só minhas partes íntimas sempre que parávamos perto de um riacho.

Estava ansiosa por uma cama de verdade, ainda que infestada de pulgas, e por uma oportunidade para tirar a sujeira da viagem da última semana. Mas, ainda assim, ele tinha razão. Suspirei, olhando para a barra da minha manga, cinza e suja por ter sido usada por tanto tempo.

Nessa hora a porta da taverna se abriu de repente, interrompendo a minha contemplação, e quatro soldados de casacos vermelhos entraram no salão lotado. Vestiam uniformes completos, empunhavam mosquetes com baionetas fixas e claramente não queriam beber nem jogar.

Dois dos soldados percorreram o salão depressa, olhando embaixo das mesas, enquanto outro entrou na cozinha mais à frente. O quarto permaneceu de guarda na porta, os olhos claros examinando as pessoas. Seu olhar passou por nossa mesa e parou em nós por um momento, tomado de especulação, mas então seguiu, procurando sem parar.

Jamie parecia tranquilo, bebericando a cerveja com aparente calma, mas vi a mão em seu colo se cerrar. Duncan, menos capaz de controlar seus sentimentos, abaixou a cabeça para esconder sua expressão. Nenhum dos dois jamais se sentiria tranquilo na presença de um casaco vermelho, e por um bom motivo.

Ninguém mais pareceu se incomodar com a presença dos soldados. O grupinho de cantores no canto da chaminé continuou cantando uma versão interminável de “Encha todos os copos”, e uma discussão em voz alta começou entre o atendente do bar e alguns aprendizes.

O soldado voltou da cozinha, evidentemente sem encontrar nada. Pisando sobre um jogo de dados na lareira, ele voltou a se unir com os colegas na porta. Quando os soldados saíam da taverna, o corpo esguio de Fergus entrou, pressionando-se contra a maçaneta para evitar cotoveladas e cabos de mosquetes.

Vi um dos soldados notar o brilho do metal e observar com interesse o gancho que Fergus usava no lugar da mão esquerda. Olhou para Fergus, mas então apoiou o mosquete no ombro e partiu atrás de seus companheiros.

Fergus passou pelas pessoas e se sentou no banco ao lado de Ian. Parecia sentir calor e irritação.

— Sanguessuga *salaud* — disse ele sem pestanejar.

Jamie ergueu a sobrancelha.

— O padre — disse Fergus.

Ele pegou a caneca que Ian empurrou em sua direção e a esvaziou, engolindo a cerveja. Depois a abaixou, soltou o ar pesadamente e permaneceu ali piscando, parecendo mais feliz. Suspirou e secou os lábios.

— Ele quer dez xelins para enterrar o homem no pátio da igreja — reclamou Fergus. — Uma igreja anglicana, claro. Não há igrejas católicas aqui. Mercenário de uma figa! Ele sabe que não temos escolha. O corpo mal se manterá até o pôr do sol do jeito que está.

Ele passou um dedo por dentro da gola, puxando o tecido molhado de suor para longe do pescoço e então bateu o punho na mesa várias vezes para chamar a atenção da atendente, que estava muito ocupada com os pedidos dos clientes.

— Eu disse ao gorducho desgraçado que você decidiria se pagaria ou não. Poderíamos simplesmente enterrá-lo na mata. Mas teríamos que ter uma pá — acrescentou Fergus, franzindo o cenho. — Esses moradores daqui sabem que somos de fora; pegarão até a nossa última moeda, se puderem.

Última moeda era algo perigosamente próximo da verdade. Eu tinha o suficiente para pagar uma refeição decente na taverna e para comprar comida para a viagem ao norte; ou talvez para pagar por algumas noites numa estalagem. Mas era só. Vi os olhos de Jamie percorrerem o salão, avaliando as possibilidades de conseguir um pouco de dinheiro jogando.

Soldados e marinheiros eram os melhores para fazer apostas, mas havia menos deles no bar. Provavelmente, a maioria da guarnição ainda vasculhava a cidade atrás do fugitivo. Em um canto, um pequeno grupo de homens estava animado bebendo muitas canecas de vinho com conhaque; dois deles estavam cantando, ou tentando, e as tentativas faziam os companheiros gargalharem. Jamie fez um meneio de cabeça quase imperceptível a eles e virou-se para Fergus.

— O que você fez com Gavin enquanto isso? — perguntou Jamie.

Fergus ergueu um ombro.

— Eu o coloquei na carroça. Troquei as roupas que ele estava ves-

tindo por uma mortalha com uma mulher maltrapilha, e ela concordou em lavar o corpo como parte do acordo. — Ele sorriu discretamente para Jamie. — Não se preocupe, milorde. Ele está apresentável. Por enquanto — acrescentou, levando uma caneca de cerveja gelada aos lábios.

— Pobre Gavin. — Duncan Innes ergueu a própria caneca em saudação ao companheiro morto.

— *Slàinte* — respondeu Jamie, e ergueu a própria caneca em resposta. Voltou a pousá-la e suspirou. — Ele não gostaria de ser enterrado na mata.

— Por que não? — perguntei, curiosa. — Acho que para ele tanto faz.

— Ah, não, não podemos fazer isso, sra. Claire. — Duncan balançava a cabeça de modo enfático. Em geral, Duncan era um homem muito reservado, e eu me surpreendi a ver tamanho sentimento.

— Ele tinha medo do escuro — disse Jamie delicadamente. Eu me virei para olhar para ele, e Jamie sorriu para mim com o canto da boca. — Vivi com Gavin Hayes quase o mesmo tempo que tenho vivido com você, Sassenach, e em locais muito menores. Eu o conhecia bem.

— Certo, ele tinha medo de ficar sozinho no escuro — disse Duncan. — Ele tinha um medo mortal de *tannagach*, de espírito, não?

Seu rosto triste e pesaroso mostrou uma expressão retraída, e eu sabia que ele estava se lembrando da cela da prisão que ele e Jamie tinham dividido com Gavin Hayes e outros quarenta homens durante três longos anos. — Você se lembra, *Mac Dubh*, que ele nos contou, certa noite, do *tannasq* que ele encontrou?

— Sim, Duncan, e gostaria de não me lembrar. — Jamie estremeceu apesar do calor. — Depois que ele nos contou aquilo, passei metade da noite acordado.

— O que foi, tio? — Ian estava inclinado sobre seu copo de cerveja, com os olhos arregalados. O rosto estava vermelho, a gola da blusa encharcada de suor.

Jamie passou a mão pelos lábios, pensando.

— Ah! Bem, era um dia no fim do outono frio das Terras Altas, quando a estação muda e o vento indica que o chão será coberto por uma camada de gelo na madrugada — disse ele. Jamie se endireitou na cadeira e se recostou, com o copo de cerveja na mão. Ele sorriu ironicamente, levando a mão ao pescoço. — Não como está agora, sim?

Jamie fez uma pausa e continuou:

— Bem, o filho de Gavin trouxe de volta as vacas naquela noite, mas

faltava um animal. O rapaz subira e descera os montes, mas não conseguia encontrá-lo em lugar nenhum. Então Gavin fez o rapaz ordenhar as outras duas e partiu para procurar a vaca perdida.

Jamie rolou o copo lentamente entre as mãos, olhando para a cerveja escura como se visse nela os montes escoceses negros como a noite e a névoa que cobre os vales no outono.

— Gavin percorreu certa distância, e a cabana atrás dele desapareceu. Quando olhou para trás, não conseguia mais ver a luz da janela e não havia som nenhum, exceto o sopro do vento. Estava frio, mas ele continuou, passando pela lama e pela urze, ouvindo o quebrar dos galhos sob suas botas. Viu um pequeno arvoredo pela névoa e, pensando que a vaca poderia ter se abrigado embaixo das árvores, seguiu em direção a elas. Disse que as árvores eram bétulas sem folhas, mas com os galhos unidos de modo que ele tinha que abaixar a cabeça para passar entre eles. Gavin foi ao arvoredo e viu que não se tratava de um arvoredo, e sim de um círculo de árvores. Eram grandes e altas, espaçadas igualmente ao redor dele, e as menores, árvores novas, cresciam no meio criando uma parede de galhos. E no centro do círculo, havia um dólmen.

Por mais quente que estivesse na taverna, eu senti que uma pedra de gelo descia pela minha espinha. Eu já vira dólmens antigos nas Terras Altas e os considerava bem assustadores à luz do dia.

Jamie tomou um gole da cerveja e secou o suor que escorria de sua têmpora.

— Gavin se sentiu um idiota porque ele conhecia o lugar. Todo mundo conhecia e se mantinha afastado dele. Era um local estranho. E parecia ainda pior no escuro e no frio do que à luz do dia. Era um dólmen antigo, feito com pedaços de rocha, todo empilhado e cercado de pedras, e Gavin viu diante dele a abertura escura do túmulo. Ele sabia que era um lugar aonde nenhum homem deveria ir, e ele não tinha um talismã poderoso. Gavin não tinha nada além de uma cruz de madeira no pescoço. Então ele se benzeu com ela e se virou para partir.

Jamie parou para beber a cerveja e então prosseguiu:

— Mas quando Gavin saiu do arvoredo — disse Jamie baixinho —, ouviu passos atrás dele.

Vi o pomo de adão de Ian subir quando ele engoliu. Mecanicamente, pegou a própria caneca, com os olhos fixos no tio.

— Ele não se virou para ver — continuou Jamie. — Em vez disso, continuou andando. E os passos o acompanharam em certo ritmo, sem-

pre o seguindo. Gavin passou pela turfa de onde a água surge, e ela estava coberta com gelo, já que fazia tanto frio. Ele conseguia ouvir a turfa rachar sob seus pés, e atrás dele, o barulho do gelo se quebrando.

Jamie fez uma pausa e prosseguiu:

— Ele caminhou muito, pela noite fria e escura, olhando para a frente à procura da luz de sua janela, onde sua esposa havia colocado a vela. Mas a luz não apareceu, e Gavin começou a ficar com medo de ter se perdido entre a terra e os montes escuros. E, durante todo o tempo, se manteve o ritmo dos passos que ressoavam alto em seus ouvidos. Por fim, não suportou mais aquilo e, segurando o crucifixo que levava no pescoço, virou-se gritando para enfrentar o que o seguia.

— O que ele viu? — As pupilas de Ian estavam dilatadas, pesadas pela bebida e pela dúvida. Jamie olhou para o rapaz e então para Duncan, assentindo para que este desse continuidade à história.

— Ele disse ser uma figura como um homem, mas sem corpo — disse Duncan em voz baixa. — Todo branco, como se fosse feito de névoa. Mas com grandes buracos vazios e negros onde deveriam estar os olhos, feitos para arrancar a alma de seu corpo com terror.

— Mas Gavin segurou a cruz diante do rosto dele e orou em voz alta para a Virgem Abençoada. — Jamie retomou a história, inclinando-se para a frente de propósito, a luz fraca do fogo contornando seu perfil, deixando-o dourado. — E a coisa não se aproximou, só ficou ali, olhando para ele. Então Gavin começou a andar para trás, sem ousar se virar de novo. Andou de costas, tropeçando e escorregando, temendo cada segundo, pois podia se queimar ou cair de um penhasco e quebrar o pescoço, mas com um medo ainda maior de dar as costas para a coisa fria. Ele não sabia quanto tempo havia caminhado, só que suas pernas tremiam de cansaço quando finalmente viu um raio de luz em meio à névoa. Ali estava sua casa, com a vela na janela. Gritou de alegria e se direcionou para a porta, mas a coisa fria foi mais rápida, e passou por ele, se posicionando entre Gavin e a porta.

Jamie fez outra pausa e continuou:

— A esposa de Gavin estava à sua espera, e quando ouviu seu grito, foi até a porta. Ele gritou para que ela não sáísse, mas que pelo amor de Deus pegasse um amuleto para afastar o *tannasq*. Rápida, ela pegou o vaso que estava debaixo da cama e um ramo de murta amarrado com fios vermelhos e pretos que ela fizera para benzer as vacas. Jogou a água contra o umbral e a coisa fria deu um pulo e se pendurou na soleira da porta.

Gavin correu por baixo do *tannasq* e fechou a porta, permanecendo do lado de dentro nos braços da esposa até o amanhecer. Eles deixaram a vela queimar a noite toda, e Gavin Hayes nunca mais saiu de casa depois do pôr do sol, até o dia em que foi lutar pelo príncipe Tearlach.

Até mesmo Duncan, que conhecia a história, suspirou quando Jamie parou de falar. Ian se benzeu e então olhou para todos com atenção, mas ninguém pareceu notar.

— Então, agora Gavin foi para o escuro — disse Jamie com delicadeza. — Mas não permitiremos que ele permaneça em solo não consagrado.

— Eles encontraram a vaca? — perguntou Fergus, com sua praticidade de sempre.

Jamie ergueu a sobancelha para Duncan, que respondeu.

— Sim. Na manhã seguinte, encontraram a pobre coitada com as patas cheias de lama e pedras, brava e espumando pela boca, respirando tão forte como se fosse explodir. — Duncan olhou para mim e para Ian e então de novo para Fergus antes de acrescentar: — Gavin disse que ela parecia ter ido ao inferno e voltado.

— Jesus! — Ian tomou um grande gole de cerveja, e eu fiz a mesma coisa. No canto, a sociedade beberona tentava cantar “Capitão Trovão”, e começavam a rir todas as vezes.

Ian pousou a caneca na mesa.

— O que aconteceu com eles? — perguntou, com o rosto preocupado. — Com a esposa e o filho de Gavin?

Jamie olhou em meus olhos e levou a mão à minha coxa. Eu sabia, sem que ninguém me dissesse, o que acontecera com a família Hayes. Sem a coragem e a austeridade de Jamie, a mesma coisa provavelmente teria acontecido comigo e com a nossa filha Brianna.

— Gavin nunca soube — disse ele em voz baixa. — Ele nunca soube nada da esposa. Ela deve ter morrido de fome ou talvez tenha sido abandonada no frio para morrer. O filho lutou ao lado dele na Batalha de Culloden. Sempre que um homem que havia lutado em Culloden entrava em nossa cela, Gavin perguntava: “Por acaso viu um jovem corajoso chamado Archie Hayes, mais ou menos desta altura?” — E ele ergueu a mão automaticamente, a um metro e meio do chão, imitando o gesto de Hayes. — “Um rapaz de uns quatorze anos”, dizia ele, “que usa uma roupa verde e um pequeno broche dourado.” Mas nunca apareceu ninguém que o tivesse visto com certeza, morrendo ou fugindo em segurança.

Jamie tomou um gole da cerveja, com os olhos fixos em dois oficiais

britânicos que tinham entrado e se ajeitado em um canto. Escurecera lá fora, e era evidente que eles não estavam mais trabalhando. Os casacos de couro estavam abertos devido ao calor, e eles levavam apenas armas no cinto, brilhando sob os casacos. Elas eram quase pretas à luz fraca, exceto onde a luz da fogueira as deixava vermelhas.

— Às vezes, ele esperava que o rapaz tivesse sido capturado e deportado — disse Jamie. — Assim como o irmão.

— Certamente isso estaria registrado em algum lugar, não? — perguntei. — Eles mantinham, ou melhor, mantêm listas?

— Mantinham — disse Jamie, ainda observando os soldados. Ele esboçou um sorriso fraco e amargo. — Foi uma lista assim que me salvou, depois da Batalha de Culloden, quando perguntaram meu nome antes de atirar em mim, para adicioná-lo a seu rol. Mas um homem como Gavin não teria como ver as listas inglesas de mortes. E se pudesse ter descoberto, acho que não o faria. — Ele olhou para mim. — Você escolheria ter certeza se fosse seu filho?

Balancei a cabeça, e ele deu um sorriso fraco e apertou minha mão. Nossa filha estava segura, afinal. Ele pegou a caneca e a esvaziou, e então fez um gesto para a atendente.

A moça trouxe a comida, mantendo-se afastada da mesa para evitar Rollo. O animal permanecia imóvel embaixo da mesa, com a cabeça para fora e a grande cauda peluda pesando sobre meus pés. Mas seus olhos amarelos estavam arregalados, observando tudo. Eles acompanharam a garota com atenção, e ela recuou nervosa, de olho nele até se afastar o suficiente para se sentir segura.

Ao ver isso, Jamie lançou um olhar dúbio ao animal chamado de cachorro.

— Ele está com fome? Devo pedir um peixe para ele?

— Ah, não, tio — disse Ian. — Rollo pega seus peixes.

Jamie ergueu as sobrancelhas, mas só assentiu, e com um olhar cauteloso lançado a Rollo, pegou um prato de ostras assadas da bandeja.

— Ah, que pena! — Duncan Innes já estava bem embriagado. Sentou-se encolhido contra a parede, o ombro sem braço subindo mais do que o outro, dando a ele uma aparência corcunda e estranha. — Um homem como Gavin ter esse fim! — Ele balançou a cabeça de modo lúgubre, de um lado para o outro por cima da caneca de cerveja como o badalo de um sino fúnebre.

— Não havia familiares para chorar por ele, sozinho em uma terra

selvagem, enforcado como um criminoso e prestes a ser enterrado em uma cova não benzida. Nem mesmo um lamento cantado em seu nome!

Ele pegou a caneca e, com certa dificuldade, levou-a à boca. Deu um grande gole e a pousou com um baque abafado.

— Bem, vamos fazer uma *caithris*! — Ele olhou de modo agressivo de Jamie para Fergus e depois para Ian. — Por que não?

Jamie não estava bêbado, mas também não estava totalmente sóbrio. Sorriu para Duncan e ergueu a própria caneca num brinde.

— Por que não, realmente? — perguntou ele. — Mas você terá que cantar, Duncan. Nenhum dos outros conhecia Gavin e eu não sou cantor. Mas posso gritar com você.

Duncan assentiu, olhando para nós com os olhos vermelhos. Sem que esperássemos, ele jogou a cabeça para trás e emitiu um uivo horrível. Eu me sobressaltei e derramei metade da cerveja da caneca no colo. Ian e Fergus, que evidentemente já tinham ouvido lamentos em gaélico antes, nem pestanejaram.

Em todo o salão, bancos foram empurrados para trás, os homens se levantaram assustados, levando a mão à pistola. A atendente se inclinou no balcão com os olhos arregalados. Rollo acordou com um explosivo “Au!” e olhou ao redor muito bravo, mostrando os dentes.

— *Tha sinn cruinn a chaoidh ar caraid, Gabhainn Hayes!* — gritou Duncan, num barítono cansado.

Eu sabia gaélico suficiente para traduzir isso como: “Estamos reunidos para chorar e gritar aos céus pela perda de nosso amigo, Gavin Hayes!”

— *Èisd ris!* — disse Jamie.

— *Rugadh e do Sheumas Immanuel Hayes agus Louisa N'ic a Liallainn an am baile Chill-Mhartainn, ann an sgìre Dhun Domhnuill, anns a bhliadhnaeachd ceud deug agus a haon!* — Ele era filho de Seaumais Emmanuel Hayes e de Louisa Mclellan, no vilarejo de Kilmartin na paróquia de Dodanil, no ano de nosso Senhor, 1701!

— *Èisd ris!* — Dessa vez, Fergus e Ian se uniram ao refrão, que eu traduzi livremente como: “Ouçam-no!”

Rollo parecia não se importar nem com o verso nem com o refrão. Suas orelhas estavam abaixadas contra a cabeça, e os olhos amarelos, estreitados. Ian acariciou a cabeça dele para acalmá-lo, e Rollo se deitou de novo, ganhando baixinho como os lobos fazem.

A plateia, ao ver que não havia violência envolvida e, sem dúvida,

entediada com os esforços vocais fracos da sociedade beberona no canto, sentou-se para aproveitar o show. Quando Duncan começou a dizer vários nomes dos carneiros que Gavin Hayes possuía antes de sair de seu sítio para seguir seu proprietário de terras a Culloden, muitas pessoas das mesas ao redor começaram a repetir o refrão animadamente, gritando “*Èisd ris!*” e batendo as canecas na mesa, sem entenderem nada do que estava sendo dito, o que também era uma coisa boa.

Duncan, mais bêbado do que nunca, olhou para os soldados da mesa ao lado com pesar, e o suor escorria de seu rosto.

— *A Shasunnaich na galladh, ’s olc a thig e dhuibh fanaid air bàs gas-gaich. Gun toireadh an diabhul fhein leis anns a bhàs sibh, dìreach do Fhìrinn!* — Malditos cães ingleses, comedores de carne morta! Vocês riem e se alegram com a morte de um homem cortês! Que o diabo pegue vocês na hora de sua morte e os leve direto ao inferno!

Ian empalideceu um pouco ao ouvir isso e Jamie lançou a Duncan um olhar significativo, mas eles gritaram potentemente: “*Èisd ris!*”, com o restante das pessoas.

Fergus, inspirado, levantou-se e passou o chapéu pelas pessoas, que, afetadas pela cerveja e pela animação, jogaram cobres dentro dele pelo privilégio de participarem da própria acusação.

Eu conseguia beber tanto quanto a maioria dos homens, mas não prendia o xixi tão bem. Com a cabeça meio zonza pelo barulho, pela fumaça e pelo álcool, eu me levantei e saí de trás da mesa, em meio às pessoas, chegando ao ar fresco do início da noite.

Ainda estava com calor e me sentia sufocada, apesar de o sol ter se posto fazia muito tempo. Mas ainda assim, havia muito mais ar do lado de fora e bem menos pessoas para dividi-lo.

Depois de aliviar a pressão interna, eu me sentei no bloco de cortar lenha da taverna com minha caneca, respirando profundamente. A noite estava clara, com uma meia-lua espalhando o tom prateado à beira do porto. Nossa carroça estava próxima; eu só discernia seu contorno à luz das janelas da taverna. Presumi que o corpo decentemente amortalhado de Gavin Hayes estivesse ali dentro. Acreditei que ele tivesse aproveitado sua *caithris*, ou vigília.

Do lado de dentro, o canto de Duncan havia terminado. Uma voz clara de tenor, meio mole pela bebida, mas meiga mesmo assim, cantava uma canção familiar, que se destacava acima do barulho das conversas.

*“A Anacreonte no céu, onde ele encontrou alegria plena,
Alguns filhos da harmonia enviaram um pedido,
Que ele fosse seu inspirador e patrono!
Quando essa resposta chegou do velho e alegre grego:
‘Voz, violino e flauta
que não fiquem mais calados!
Emprestarei meu nome e inspirarei vocês.’”*

A voz do cantor desafinou dolorosamente em “voz, violino e flauta”, mas ele seguiu cantando, apesar do riso da plateia. Sorri com ironia para mim mesma quando ele chegou ao verso final:

*“E, além disso, instruirei vocês a misturar como eu,
a murta de Vênus com o vinho de Baco!”*

Ergui minha caneca num brinde ao caixão com rodas, ecoando levemente a melodia das últimas frases do cantor.

*“Ah, diga, aquela bandeira de estrelas ainda se balança
sobre a terra dos livres e o lar dos bravos?”*

Terminei de beber e fiquei parada, esperando os homens saírem.

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia

04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br